

GT65: Políticas reprodutivas: imperativos, violação de direitos e antropologia em tempos extremos

Marina Nucci, Rosa Carneiro

Vemos nos últimos anos, no Brasil, o crescimento de um campo de debates antropológicos que discute temas como gravidez, parto e criação de filhos/as. Trata-se de pesquisas que, conduzidas pela perspectiva de gênero, e em diálogo com reflexões mais amplas como corpo e saúde, abordam diferentes aspectos ligados à reprodução e ao cuidado. Um dos esforços de pesquisa observados, é a atenção às prescrições e imperativos morais que são produzidos tanto pelos saberes médico-científicos, como em contraponto a eles, e que se expressam em modelos "ideais" de gestar, parir, amamentar, maternar. O que tais ideais invisibilizam, e o que trazem à tona? Como diferentes perspectivas feministas têm tentado responder aos dilemas que tais temáticas nos trazem? Tais imperativos se viram impactados pela pandemia de Covid-19, quando muitos dos direitos sexuais e reprodutivos foram violados, com ausência de serviços de saúde e descaso com a vida de mulheres cis e trans. O peso e a invisibilidade do trabalho reprodutivo foi escancarado, assim como o adoecimento dele decorrente. Partindo desses pressupostos, neste GT, inspiradas na ideia de que "toda política é reprodutiva" (Briggs 2017), procuramos reunir trabalhos que pensem práticas de maternagem dissidentes e hegemônicas; sobre gestação, parto e pós-parto; cuidado e adoecimento psíquico de mulheres; sobre quem não quer ser mãe e abortos, de maneira atravessada ou não pela pandemia, mas de modo a atualizar uma "antropologia da reprodução" brasileira.

#maesemfiltro. O Instagram como palanque para a desromantização da maternidade

Autoria: Fernanda Ribeiro de Lima

Há muito a maternidade compulsória é pauta dos diversos feminismos. Há pouco o movimento pela desromantização da maternidade leva este e outros temas relacionados a maternidade e a maternagem a um número cada vez maior de mulheres fora do ambiente acadêmico e da militância, através das redes sociais, principalmente do Instagram. Já são dezenas de perfis, como por exemplo, @maesolo, @maearrependida, @mulhernaomae, @laqueadurasemfilhossim, @felizesemfilhos. Este texto é uma reflexão sobre a importância da internet na popularização da não maternidade. Ao discutir o uso da Internet enquanto espaço de contestação popular, faz-se necessário falar sobre o paradoxo "individualização" e conexão. Individualização - não confundir com individualismo - "[...] é a tendência cultural que enfatiza os projetos do indivíduo como supremo princípio orientador de seu comportamento" (CASTELLS, 2017, p. 198). Ou seja, um projeto pessoal que pode ser levado ao coletivo. Ao mesmo tempo, é necessário que as pessoas com projetos semelhantes se encontrem, compartilhem projetos e ações que tomarão corpo na rede, ou seja, é preciso conexão entre indivíduos para que a indignação saia da esfera pessoal e passe a ser vista como um movimento, que também podemos conceituar de net-ativismo. A titular do perfil @malternidade, não tinha certeza sobre a vontade de ser ou não mãe, engravidou sob pressão das conhecidas ameaças: "O seu tempo está esgotando", "Você vai se arrepender", "Todos os seus amigos já tem filhos", "Quem vai cuidar de você na velhice". Depois que a criança nasceu, com os primeiros anos de uma maternagem atípica, se descobriu uma mãe arrependida. Mas ao contrário da maioria das mulheres neste mesmo contexto, ela não se calou. Usou o Instagram para compartilhar sua experiência e além de alertar mulheres que tem dúvidas sobre a maternidade, acabou iniciando uma rede de apoio emocional, a outras mulheres que também enfrentam dificuldades com a maternidade. Ainda segundo Castells (2017), a mobilização pela Internet tem vários aspectos positivos, um deles diz respeito à segurança dos participantes. Principalmente quando a contestação diz respeito a assuntos caros ao conservadorismo do Estado e da sociedade, como é o caso da

maternidade compulsória e do modelo familiar tradicional, o contra-ataque não acontece apenas por parte das instituições de poder, mas dos pares que pensam contrariamente a esta contestação. As retaliações são ferozes (críticas, xingamentos e até mesmo ameaças, injúrias, calúnias e difamação), e não raramente intimida e silencia quem ousa questionar as estruturas sociais vigentes. Situação relatada por todas as responsáveis por perfis que questionam este modelo ocidental de maternidade romantizada.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

